



A TRADIÇÃO ORAL DAS PRÁTICAS DE BENZEÇÃO

Celina Gontijo Cunha¹

Clézio Roberto Gonçalves²

Resumo: Esse artigo se propõe a analisar as rezas de cura populares inseridas no contexto das práticas de benzeção, considerando-se a tradição oral e o rito no processo de interação social. Para tanto, iremos percorrer por outras áreas do conhecimento, que estão atreladas a oralidade e que se fazem presente dentro do universo das benzeções, tais como a cultura popular, a religiosidade popular, a medicina popular, na intenção de compreender, as relações interpessoais estabelecidas, que mantém a tradição ainda atual e que fazem da benzedeira um agente social do seu meio. O nosso olhar estará voltado às origens dessa prática, considerando-se, sobretudo, a influência afrodescendente na formação de uma identidade étnica/social das benzedeadas.

Palavras chave: religião; tradição; oralidade.

THE ORAL TRADITION OF BLESSING PRACTICES

Abstract: This article proposes to analyze the popular prayers of healing inserted in the context of the practices of benzeção, considering the oral tradition and the rite in the process of social interaction. To do so, we will go through other areas of knowledge that are linked to orality and that are present within the universe of benzeção, such as popular culture, popular religiosity, folk medicine, with the intention of understanding, established interpersonal relationships that keep the tradition still current and that make the benzedeira a social agent of its environment. Our focus will be on the origins of this practice, considering, above all, the Afro-descendant influence in the formation of an ethnic / social identity of the benzedeira.

Keywords: religion; tradicion, orality.

LA TRADITION ORALE DES PRATIQUES DE “BEZENÇÃO”

Résumé: Cet article propose d'analyser les prières de guérison populaires insérées dans le contexte des pratiques de “benzeção”, en considérant la tradition orale et le rite dans le processus d'interaction sociale. Pour ce faire, nous allons passer par d'autres domaines de la connaissance, qui sont liés à l'oralité et qui sont présents dans l'univers de “benzeções”, tels comme la culture populaire, la religiosité populaire, la médecine populaire, dans l'intention de comprendre, relations interpersonnelles établis, qui maintient la tradition encore présente et qui font de la ‘benzedeira’ un agent social de ses moyens. Notre regard sera concentré sur les origines de cette pratique, en considérant, surtout, l'influence Africain descendant dans la formation d'une identité ethnique/sociale des “Benzedeadas”.

Mots-clé: religion; tradition; oralité.

LA TRADICIÓN ORAL DE LAS PRÁCTICAS DE BENZEDURA

¹ Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Ouro Preto. *E-mail* celgontijo@yahoo.com.br

² Atua, como pesquisador e professor Adjunto, no Mestrado e na graduação, na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Linguística, Sociolinguística, Sintaxe, Ensino de Língua Portuguesa no ICHS/UFOP. *E-mail* cleziorob@gmail.com



Resumen: Este artículo se propone hacer un análisis sobre las rezas de curación popular insertada en el contexto de las prácticas de bendición, considerando la tradición oral y el rito en el proceso de interacción social. Para ello, vamos a recorrer por otras áreas del conocimiento, que están relacionadas con la oralidad y que se hacen presentes dentro del universo de las bendiciones, tales como la cultura popular, la religiosidad popular, la medicina popular, en la intención de comprender, las relaciones interpersonal establecidas, que mantiene la tradición todavía actual y que hacen de la mujer que hace ritos de la mujer que hace bendición popular, un agente social de su medio. Nuestra mirada estará orientada a los orígenes de esta práctica, considerando, sobre todo, la influencia afrodescendiente en la formación de una identidad étnica / social de aquellas que hacen los ritos de bendición.

Palabras-clave: religión; tradición; oralidad.

A RELIGIOSIDADE POPULAR

É no catolicismo oficial que se originam as rezas que também são usadas no catolicismo popular, que surgiu na necessidade de sanar males, através da força que carregam as palavras sagradas capazes de levar a cura. Vale salientar que as benzeções não devem ser consideradas apenas como uma derivação estrita do catolicismo, uma vez que elas dialogam com várias outras vertentes culturais, tais como as práticas indígenas e afrodescendentes, sendo ela uma prática imersa no hibridismo religioso.

No que diz respeito à possível origem de formação dessas práticas, Santos, nos traz à luz a relação existente entre as religiões de matrizes africanas e o catolicismo:

Não faltam histórias de senhores e senhoras de engenho que buscavam ajuda dos curandeiros africanos. Muito mais do que no terreiro de Umbanda, onde as pessoas vão buscar ajuda, essas relações entre o africano escravizado, a ancestralidade africana, o Catolicismo antigo e as referências identitárias dos afrodescendentes se fazem presentes na Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. (Santos, 2015, p. 145)

A passagem de oficial para popular é intrinsecamente ligado a fatores culturais de um povo, que na ausência de outros recursos (financeiros, assistência médica), usando seus conhecimentos empíricos, a fim de sanar males e proporcionar a cura, foi surgindo então o que chamamos hoje de benzeções.

A religião é um dos nortes da cultura popular. É através dela que pessoas se encontram e se relacionam, trocam experiências e se ajudam mutuamente. A religião, principalmente no contexto de pequenas vilas, está intimamente ligada à função sócio-cultural do lugar, permitindo encontros, o que proporciona convivências e vínculos.



Dessa forma, podemos afirmar que, independente da vertente religiosa, sendo ela oficial ou popular, o discurso religioso sempre nos remete ao sagrado.

A PRÁTICA DE BENZEÇÃO SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS DE CULTURA POPULAR

Entendemos por cultura popular todos os saberes de determinados grupos sociais que se manifestam através de diferentes vertentes, tais como a culinária, a música, a dança, o esporte e às crenças religiosas. A cultura popular é então uma manifestação dos costumes e tradições de um povo, e tem como carro chefe a tradição oral para o repasse de seus saberes.

De acordo com Canclini (1997), a cultura popular, para melhor denominar o termo e fugir do seu sentido pejorativo, ligado majoritariamente aos meios sociais desprivilegiados, deve ser concebida aqui como uma cultura híbrida, onde existe a possibilidade de pensar em uma realidade social e cultural multifacetada.

O estudo sobre a cultura e a prática das benzedeadas é um saber da tradição oral que dialoga com a cultura popular, com o sincretismo religioso, com a fé, com o dom, com simbolismos imaginários, etc. Adentrar nesse universo de saberes é um convite a conhecer e resgatar a memória de um lugar, transitando entre o essencial, simples e sutil da vida.

A cultura popular está intimamente ligada às questões da religiosidade, sob esse ângulo, Brandão (1980) nos traz importantes observações:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos. (Brandão, 1980, p.15).

O termo Cultura Popular, que, de uma maneira geral e limitada, se refere às manifestações culturais de classes menos favorecida da sociedade, tem provocado reflexões questionando a presença do erudito que possa existir no popular que, longe de ter o mesmo prestígio social que a cultura erudita, está cada vez mais demarcando território, num impulso de manter vivos os costumes, crenças e memórias de um povo e,



sobretudo de dar visibilidade, dar voz às identidades de diversas manifestações culturais. Chartier (1995), ao falar sobre cultura popular, aponta que:

Nem a cultura de massa de nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiam. O que mudou, evidentemente, foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las. (Chartier, 1995, p.4).

A cultura popular se mantém viva por ser readaptada aos contextos históricos e é ela, a maneira mais autêntica de representação de um povo e age também no âmbito individual, alimentando a identidade cultural do indivíduo, permitindo àqueles que estão à frente de algum movimento cultural, se identifique como guardião, mestres populares, agentes culturais que detém conhecimentos específicos e legitimados pela comunidade a qual fazem parte. Nascimento (2014) nos traz importantes considerações a esse respeito:

(...) a tradição é o próprio saber popular que apresenta emoldurado pela cultura, com noções particulares de tempo e espaço, de organização social, de valores, e de condutas que ordenam significados concretos as próprias regras da vida.” (Nascimento, 2014, p.10).

É pensando nesse contexto social em que se insere a cultura popular, numa dimensão que abrange tanto o plano individual quanto o coletivo, que propomos analisar os ritos das benzeções como uma importante memória social, existente através da oralidade, na perspectiva de uma memória viva, comunitária e coletiva.

A MEDICINA POPULAR

Graças à diversidade cultural, o Brasil se tornou um país cuja história foi sendo construída a partir de contribuições deixadas por diversos povos que por aqui passaram, deixando marcas relevantes na memória da nossa história. Assim, com o passar dos anos, foram surgindo outras maneiras de expressão da fé, como por exemplo, o ato de benzer. Nas cidades interioranas ainda é comum a prática da benzeção, quando se acredita que existe algum mal, físico ou psíquico que atormenta um consulente.



Quando se fala em religião e medicina popular é válido salientar as influências ocorridas na época da colonização que originaram o que hoje chamamos de benzeções. Herdamos dos índios os ensinamentos das ervas, usando-as como aliadas para afastar mazelas, assim como faziam os pajés. Dos africanos herdamos a cultura de cantar, festejar, dançar e cortejar nossos santos e festas com cores e alegria. Como influência portuguesa, temos a religião católica predominante no Brasil. O que não significa dizer que os ritos de rezas sejam, então, puramente a junção dessas influências, mas sim, considerá-las no sentido de contribuição para sua formação.

Por mais que as benzedeadas tenham absorvido os conhecimentos das ervas e plantas medicinais de uma forma empírica, no que diz respeito às propriedades curativas das plantas e ervas medicinais, não se difere do conhecimento erudito que se tem sobre elas. O que elas fazem, no entanto, é ressignificar os processos de cura das mazelas cotidianas, e pra isso, ela combina os seus saberes sobre medicina popular, religiosidade e crença. Dessa forma, Oliveira (1985, p. 25) as define: “Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina o místico da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”.

As benzedeadas são vistas com bons olhos pela comunidade, representam caridade e benevolência. Suas práticas já foram muito hostilizadas em vários períodos ao longo da história, entretanto, percebe-se que existe hoje um movimento de legitimação dessas práticas que tende a não entrar em conflito com a medicina oficial, da qual elas também fazem uso, quando possível e necessário. Todavia, as benzedeadas acreditam que existem males de cunho sobrenatural que a medicina tradicional não consegue curar.

Por mais patriarcal que seja a nossa cultura, a presença da mulher sempre foi, e ainda é, marcante no âmbito da cura, já que a ela se destinava o cuidado com a casa, a horta, o bem estar e higiene de sua família. Assim, no contexto das benzeções não poderia ser diferente. Segundo Gomes & Pereira (1989): “a presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase que absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal”. (Gomes e Pereira, 1989, p. 16).

Dentro das limitações que lhe cabiam, a mulher esteve sempre ligada ao âmbito da saúde. Até a bem pouco tempo atrás, na década de 30, o parto era um evento



feminino, comandado e dirigido por mulheres. De um modo geral, as parteiras, na sua imensa maioria, estão ligadas as outras formas de cura, como por exemplo, a benzeção. Curiosamente, no cenário da obstetrícia, a mulher foi perdendo sua atuação e passou a crer que as intervenções médicas eram necessárias, mesmo quando não há nenhum risco eminente ao parto. Assim, de uma maneira assustadora, a parteira foi desaparecendo e, conseqüentemente, a atuação de protagonista da própria parturiente. Essas mudanças de ordem cultural acontecem em diferentes momentos históricos e afetam também a ordem social de um povo. Contudo, mesmo que hoje em dia seja rara a participação das parteiras nos nascimentos de bebês, a benzedeira ainda é uma figura presente e atuante no que diz respeito à saúde e bem estar da sua comunidade.

O costume de curar por vias naturais, com ervas e elementos da terra, vem de tempos remotos. Na Idade Média, mulheres que tinham seu poder intuitivo aguçado, foram consideradas bruxas, e por isso, condenadas a morte, na inquisição. Sobre a obtenção da cura através das benzeções, Machado (1997) acrescenta:

Destacamos dentre essas crenças o curandeirismo e as “benzeções” por serem práticas culturais que sobrevivem no interior de Minas Gerais.[...]. Acreditamos ser pertinente afirmar que a busca por curandeiros e tem a ver com a ordem das coisas. A mais forte delas, supomos, esta intimamente ligada aos fenômenos do imaginário popular e das representações mentais, solucionar problemas de suas vidas através de ‘forças impoderáveis’. (Machado, 1997, p. 236).

Principalmente em contextos de zona rural e pequenas vilas, onde a comunidade é carente e não há fácil acesso a hospitais e postos de saúde, a benzedeira exerce um importante papel social em prol do bem estar da sua comunidade. Assim, muitas dessas mulheres, na medida em que prestam serviços aos enfermos, foram se tornando figuras importantes do seu meio social e, mesmo que inconscientemente, elas interferem no processo histórico social do qual fazem parte. Dessa maneira, elas são legitimadas pela comunidade e passam a ressignificar a cura de várias mazelas presentes no cotidiano de suas vidas. Nascimento (2014) acrescenta:

Os agentes da benzeção se comportam como agentes estruturantes da religiosidade popular, por serem legitimados como pessoas que possuem um dom sobrenatural, eles criam e recriam artifícios e estratégias de manipulação da medicina popular, que irão proporcionar aos seus clientes a possibilidade da harmonia plena entre corpo e espírito. (Nascimento, 2014, p.2).

Usando também os conhecimentos eruditos no que diz respeito às propriedades curativas de ervas e plantas, os agentes da prática de benzeção vão aos poucos, ressignificando meios de cura para mazelas do cotidiano presente na comunidade em que se inserem.

BENZEÇÃO: UMA PRÁTICA SOCIAL

As benzedeadas estão intimamente ligadas ao sagrado e agem como intermediárias das forças sobrenaturais. A ação de benzer e levar a cura aos enfermos vai também ao encontro às questões sociais, dando visibilidade a essas pessoas que, através de seu papel de agente social de sua comunidade, fortalecendo sua identidade e ganhando legitimidade social. Assim, as benzedeadas, ao promoverem a cura, se tornam agentes sociais do seu meio, atuando também numa esfera política da sua comunidade.

Por ser uma manifestação de cunho religioso e por tentar solucionar as mazelas do dia-a-dia da comunidade (tais como quebranto, cobreiro, dor de cabeça, mau olhado, etc.), a benzeção se caracteriza também como uma prática social à medida que ela passa ser uma alternativa, um meio de se obter a cura, ressignificando as doenças do cotidiano.

Sobre fatores intrínsecos a tradição das benzedeadas, Souza (1989), em seu livro, *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, nos traz a luz:

Por um lado, a feitiçaria mostrava-se estreitamente ligada às necessidades iminentes do dia a dia, buscando a resolução de problemas concretos. Por outro, aproximava-se muito da religião vivida pela população, as receitas mágicas assumindo com frequência a forma de orações dirigidas a Deus, a Jesus e aos santos, à Virgem Maria (Souza, 1989, p.16).

Para abordar a questão do que é sagrado, iremos considerar a visão adotada por Durkheim (2003), que enxerga o sagrado como representações da vida social. Para esse sociólogo francês, o sagrado está ligado às atividades cotidianas, a fatos reais, concretos, praticados pelo homem, assim, o sagrado está intimamente ligado ao profano, já que segundo esse autor, ele está presente nas ações dos homens. Segundo Durkheim (2003):



As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja em si, seja com as coisas profanas. (Durkheim, 2003, p. 24).

Assim, concebendo o sagrado interligado com o profano, o dom da benzeção acontece em pessoas comuns, sujeitas a erros e a vida profana. Só depois de sua iniciação e do reconhecimento social como benzeadeira é que sua conduta social modifica-se, tendo ela um olhar atendo às responsabilidades que o dom exige.

Por mais exemplar que seja a conduta social de uma benzeadeira, ela não é imune aos pecados mortais. A elas são atribuídas inúmeras qualidades, mas, ainda assim, transitam numa tênue linha entre o profano e o sagrado.

O destaque social que elas recebem, acaba muitas vezes gerando rivalidade entre benzeadeiras próximas, em uma espécie de competição de quem promove mais curas e bem estar à comunidade, quem é a melhor benzeadeira, a mais solicitada, a mais carismática, a mais comprometida, etc. O contrário também acontece, quando elas, no intuito de unir suas forças, se ajudam mutuamente, trocam seus conhecimentos de rezas, se benzem entre si e participam de ações solidárias em conjunto.

Diferente das religiões de matrizes africanas, onde a iniciação acontece pela vontade de seus participantes, e existe todo um ritual para que isso aconteça, a iniciação das benzeadeiras ocorre após a percepção do *dom* e acontece ao longo de alguns anos, selando aos poucos uma aliança (Mauss, 2003) com as forças sagradas. Porém, mesmo que exista diferença no modo de iniciação entre as religiões, o intuito é sempre o mesmo; a morte da vida profana, o (re) nascimento da vida sagrada, que exige do iniciado uma série de preceitos a seguir, mudando seus hábitos, o que conseqüentemente o difere dos demais.

Sobre a iniciação, Eliade (2001), completa:

(...) já nos estágios arcaicos de cultura, a iniciação desempenha um papel capital na formação religiosa do homem, e, sobretudo, que ela consiste essencialmente numa mudança do regime ontológico do neófito. (Eliade, 2001, p.152).

Depois de iniciadas, as benzeadeiras tendem a mudar alguns hábitos de vida, mas o que parece ser comum a todas elas é a destinação do tempo às atividades sagradas. Assim, em atos que nos remetem a gratidão e retribuição do dom que as fazem especiais, elas destinam uma boa parte de seu tempo, a atender a quem as procura,



exercendo a caridade, estreitando cada vez mais os laços que mantêm com as forças sagradas.

Ter o status de uma benzedeira faz dela uma pessoa de destaque no meu meio social e lhe são atribuídas, além das dádivas, algumas posturas, mesmo no que diz respeito a sua vida pessoal, que a comunidade espera que ela tenha. Junto ao ofício, vem também uma mudança de comportamento, já que agora ela passa a ser considerada, respeitada e admirada pelo seu dom e, como esse dom diz respeito ao universo mágico-religioso, a sociedade tende a percebê-la como alguém muito ligada ao sagrado, dando-lhes atributos imaculados, distanciando-as da possibilidade de um convívio estreito com as coisas profanas. A respeito da ligação que existe entre esses dois pólos, o sagrado e o profano, (Durkheim, 2003, p.24) acrescenta: “As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas.”

No que se refere à iniciação, a linguagem e o uso dela pelos iniciados dessa prática, Gomes & Pereira (2004) destaca: “Iniciados porque herdeiros de conhecimentos que só se tornaram úteis se pronunciados segundo os critérios e as normas de uma determinada linguagem – a linguagem das palavras sagradas ou das palavras curativas.” (Gomes e Pereira, 2014, p. 29).

A iniciação começa na descoberta do *dom*, a legitimação social da benzedeira é um processo demorado, baseado em fatos empíricos e na conduta que elas passam a ter em relação a sua vida pessoal e comunitária.

Há muito tempo se tem associado às palavras ao poder de cura que elas carregam. Tal poder é perceptivo em nossos enunciados diários, quando proferimos palavras doces, amáveis, geramos no nosso interlocutor um sentimento semelhante, de satisfação e prosperidade. Da mesma forma, quando a nossa intenção é depreciar, ferir, geramos no outro um sentimento doloroso, que vai ao encontro do nosso intento no momento da fala.

O PODER DAS PALAVRAS SAGRADAS

Na tradição das rezas de cura, a voz, a palavra presente nas orações (sendo ela vocalizada ou não) representa o pensamento positivo, suas memórias e crenças, sendo



ela capaz de curar aqueles que porventura estejam fragilizados, mas que, mesmo inconscientemente, acreditam e confiam na eficácia de seus saberes. Sobre o poder mágico-religioso dessas práticas, Lévi-Strauss (1975) nos alerta que ele está intimamente associado à crença, de quem pratica e de quem se beneficia dela:

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. (Lévi-Strauss, 1975, p.194).

É justamente por considerar a crença na eficácia da benzeção, que muitas benzedeadas afirmam que não basta simplesmente conhecer as orações para praticar a benzeção, para se tornar uma benzedeadada é preciso ter o dom e acreditar que poder dessas práticas. Em contrapartida, muitas benzedeadas se recusaram a nos fornecer as orações das suas benzeções, justificando que assim, ao passá-las, mesmo que para um leigo, suas orações perderiam a força, o que compromete na eficácia de suas práticas.

No universo das religiões, é comum a existência de palavras sagradas, as quais se dedicam um cuidado ao proferi-las, restringindo lugar e pessoa a quem possa ser dirigido tal enunciado, sob pena de perder sua força entre outras punições.

No candomblé, assim como nas práticas de benzeção, onde os ensinamentos são passados através da oralidade, a palavra também é imbuída de poder, inclusive mantém vários preceitos em sigilo, que podem ser compartilhadas apenas com iniciados dessa religião. Verger (2004), a respeito do mistério que envolve o mundo da enunciação em contexto religioso, nos traz a luz:

Na cultura africana tradicional, saber o nome de uma pessoa ou coisa significa que elas podem, até certo ponto, serem controladas... Entre os Iorubás, a preparação dos remédios e trabalhos mágicos deve ser acompanhada de encantamentos (ofó) com o nome de plantas, sem as quais esses remédios e trabalhos não agiriam. A transmissão oral do conhecimento é considerada o veículo do axé das palavras, que permanecem sem efeito em um texto escrito. Palavras para que possam agir devem ser pronunciadas. (Verger, 2004. P. 35).



Sob essa perspectiva, podemos pensar que as palavras ditas pelas benzedeadas no momento da benzeção designam uma ação, que tem como reação a cura. Letícia Grala (2013), ao falar das benzedeadas de Florianópolis, em sua dissertação de mestrado, “O poder *da e na voz* delas: *benzedeadas* da Ilha de Florianópolis/SC”, enfatiza: “É a voz da benzedeadas que lançará o enunciado, efetivando a ação. A voz, portanto, personifica a ação, não apenas a veicula.” (Grala 2013, p.118).

É por meio das palavras que as benzedeadas estabelecem uma comunicação com o transcendente. É por meio de uma comunicação com o Divino, que as benzedeadas atingem a cura, podemos pensar então na existência de uma interação dialógica. Sobre a dinâmica dialógica, Bakhtin (1997) afirma: “Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto de interação do locutor e do ouvinte.” (Bakhtin, 1997, p113).

Porém, vale considerar que, as benzedeadas rezam em tom de voz baixo, quase indecifrável, como murmúrios, acompanhado de vários gestos, ervas, copo d’água, terço, entre outros aparatos do imaginário simbólico presentes nessa prática. A maioria das benzedeadas usa plantas do próprio quintal e ao final do ritual, indicam procedimentos a serem realizados, tais como acender velas, fazer uso de chás, tomar banhos de ervas, entre outros. Essa maneira de dirigir tais rituais, e mais especificamente, sobre a maneira como as palavras são proferidas (audíveis ou não) está ligada à conexão que se estabelece entre elas e o Divino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, algumas das interlocutoras dessa pesquisa, ao prestarem entrevistas, se recusaram revelar as palavras presentes nas benzeções, alegando que assim, perderia a força de suas orações. Vale ressaltar que o sentido do silêncio em relação às práticas de rezas de cura, se completa com os gestos e símbolos, que por sua vez estão intrinsecamente ligados à crença. Tal maneira de dirigir o rito, através de um discurso silencioso, é também associada à produção de sentido como uma habilidade de comunicação, capaz de expressar algo mais relevante, que talvez, a palavra vocalizada, não conseguiria alcançar.



O caráter sagrado que existe nas suas vozes durante o ritual da benzeção, é algo que elas prezam em manter, nem que para isso seja necessário seguir algum preceito, como por exemplo, o sigilo. Assim, Gomes & Pereira (2004), acrescenta:

Faz-se necessária uma referência ao segredo da benzeção: há uma confiança na magia das palavras desconhecidas e muitas vezes o benzedor se recusa e ensiná-las, já que lhes foram transmitidas sob condição de não revelação. (Gomes e Pereira, 2014, p. 12).

Percebemos então que, as palavras, ainda que não sejam pronunciadas, têm um sentido que vai além de transmitir informações, adquirem poder de entendimento e valor. Porém, é válido salientar que, as palavras sagradas proferidas pelas benzedoras, são imbuídas de poder no momento da benzeção, o que implica a presença de vários fatores, como a fé, a crença, o imaginário simbólico e o contexto em que se insere tal prática. Dessa forma, fica entendido que a benzeção existe, também, pela necessidade de ressignificar as doenças que afetam a população, imersa num processo de ordenação de sentido que vai além do seu sentido cultural, por ser também de âmbito social e político.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. São Paulo: Editora S.A., 1980.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*, São Paulo, Edusp, 1997
- CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico*. Rio de Janeiro, 1995.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano; a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.
- GRALA, Dias, Letícia. *O Poder da e na voz delas: benzedoras da ilha de Florianópolis/ SC*. Dissertação (mestrado em antropologia social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.



MACHADO, Maria Clara T. *Culturas populares e desenvolvimento no interior das Gerais; caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo: - USP, 1997.

MAUSS, M. *Esboço de uma teoria geral da magia. Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NASCIMENTO, R.F.A. *A benzeção juazeirense: o sentido da doença num revelar mágico-religioso de cura*. Reunião Brasileira de Antropologia/ agosto de 2014. Disponível em http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401722381_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO.RBA.pdf. Acesso em 04/2017.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do. *Tradições discursivas orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6503/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em 08/2016.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUINTANA, Alberto. Manuel. *A Ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. São Paulo: EDUSC, 1989.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015

Souza, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SUESS, Guenter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1979.

VERGER, Pierre Fatumbi. *EWE-Uso das plantas na sociedade IORUBÀ*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*